

■ COLEÇÃO MEMÓRIA ■

40 ANOS
CENTRO
DE ESTUDOS
JUDICIÁRIOS

Lemon tri

FOLHETO MENSAL DE DECLARAÇÕES POUCO SÉRIAS

Fac-simile das edições:

N.º 1, N.º 2, N.º 3, N.º 4

- 1985 -



Diretor do CEJ

João Manuel da Silva Miguel, Juiz Conselheiro

Diretores Adjuntos

Paulo Alexandre Pereira Guerra, Juiz Desembargador

Luís Manuel Cunha Silva Pereira, Procurador-Geral Adjunto

Coordenador do Departamento da Formação

Edgar Taborda Lopes, Juiz Desembargador

Coordenadora do Departamento de Relações Internacionais

Helena Leitão, Procuradora da República

Grafismo

Ana Caçapo - CEJ


Capa

Edifício do CEJ

Foto

Victor Pimenta






No ano em que se celebra o 40.º aniversário do Centro de Estudos Judiciários continua a preservar-se a Memória do que foi feito, nomeadamente pelos Auditores/as de Justiça.

Depois da publicação dos três números dos "Cadernos Associação Cultural C.E.J" e da sociografia do 1.º Curso publica-se agora o facsimile dos quatro números do "Lemon Tri", uma espécie de jornal de actualidades cheio de humor e irreverência elaborado pelos Auditores do III Curso.

Os tempos são irrepetíveis mas a liberdade, o rigor, a tolerância e a abertura nunca abandonaram a estrutura desta casa no que concerne aos seus formandos. Com mais este e-book honram-se todos aqueles que por aqui passaram e ajudaram a construir as magistraturas da Democracia. Também com um sorriso....

ETL



Não sei que conjugação astral permitiu a publicação dos quatro folhetos mensais que constituem o Lemon Tri, durante o ano inicial do III Curso Normal de Formação do CEJ, mas a verdade é que essa pequena e singular experiência de liberdade e derradeira irreverência estudantil foi-se mantendo na memória dos auditores de justiça que a viveram, entusiasticamente apoiados pelo Sr. Ribeiro e pela Maria Emília, que a cada número torciam connosco para que se mantivesse o incomparável fair play do DIRETOR e com ele a publicação de mais um folheto onde lançávamos provocações em todas as direções, sem rumo nem alvo, testando os limites e aprendendo para futuro que, afinal, talvez a liberdade valha a pena.

Teria sido só isso, certamente, não fossem os inspiradíssimos desenhos do Jorge Bravo, cujo talento gravou ali, emblematicamente, os rostos da inimitável “Equipa decente”, fazendo com que aos olhos de quem os conheceu se tornasse impossível vê-los de outro modo.

Fica a memória daquele tempo agora revisitada pelo CEJ, a quem se saúda pela iniciativa, ciente de que o registo das pequenas como das grandes coisas sempre nos permite revivê-las.

António João Casebre Latas*

* Juiz Desembargador no Tribunal da Relação de Évora, Auditor de Justiça do III Curso, docente do Centro de Estudos Judiciários entre 1998 e 2006 (Jurisdição Penal).

Ficha Técnica

Nome:

Lemon Tri – Folheto Mensal de Declarações Pouco Sérias
Fac-simile das edições N.º 1, N.º 2, N.º 3 e N.º 4 (1985)

Coleção:

Memória

Coordenação:

Edgar Taborda Lopes – Juiz Desembargador, Coordenador do Departamento da Formação do CEJ)

Conceção, textos e desenhos (Auditores de Justiça do III Curso - 1985):

António Latas
Jorge M. Bravo

Colaboração (Auditores de Justiça do III Curso - 1985):

Artur M. Oliveira
João Pedroso
Jorge A. Costa
Luís Dias
Miranda Sapateiro

Montagem:

Luís Tavares Ribeiro

Datilografia:

Maria Emília

Revisão gráfica da edição *fac-similada*:

Ana Caçapo – Departamento da Formação do CEJ
Hélder Quaresma – Departamento de Apoio à Formação
Luís Tavares Ribeiro – Departamento de Informática e Multimédia

ISBN:

978-989-8908-95-7

Notas:

Para a visualização correta dos e-books recomenda-se o seu descarregamento e a utilização do programa Adobe Acrobat Reader.

Foi respeitada a opção dos autores na utilização ou não do novo Acordo Ortográfico.

Os conteúdos e textos constantes desta obra, bem como as opiniões pessoais aqui expressas, são da exclusiva responsabilidade dos/as seus/suas Autores/as não vinculando nem necessariamente correspondendo à posição do Centro de Estudos Judiciários relativamente às temáticas abordadas.

A reprodução total ou parcial dos seus conteúdos e textos está autorizada sempre que seja devidamente citada a respetiva origem.

Forma de citação de um livro eletrónico (NP405-4):

AUTOR(ES) – **Título** [Em linha]. a ed. Edição. Local de edição: Editor, ano de edição.
[Consult. Data de consulta]. Disponível na internet: <URL:>. ISBN.

Exemplo:

Direito Bancário [Em linha]. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, 2015.

[Consult. 12 mar. 2015].

Disponível na

internet: <URL: http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/civil/Direito_Bancario.pdf.

ISBN 978-972-9122-98-9.

Registo das revisões efetuadas ao e-book

Identificação da versão	Data de atualização
1.ª edição – 08/11/2019	

A Equipa decente



- 1 José Álvaro Laborinho Lúcio
- 2 Carlos Alberto Frias de Oliveira Matias
- 3 Manuel António Maduro
- 4 Jaime Octávio Cardona Ferreira
- 5 Carlos Alberto Lopes do Rego
- 6 José Gonçalves da Costa
- 7 Arlindo Ferreira Lopes de Almeida
- 8 José Augusto Cruz de Carvalho
- 9 António da Costa Neves Ribeiro
- 10 Adelino de Amorim Robalo Cordeiro
- 11 Vítor Manuel dos Santos Ribeiro
- 12 Almiro Simões Rodrigues

C E N T R O
DE ESTUDOS
JUDICIÁRIOS

Lemon Tri

Folheto Mensal de Declarações Pouco Sérias
Fac-simile das edições N.º 1, N.º 2, N.º 3 e N.º 4 (1985)

Índice

Nota inicial	4
Ficha técnica	5
<i>Fac-simile</i> do N.º 1	11
<i>Fac-simile</i> do N.º 2	15
<i>Fac-simile</i> do N.º 3	21
<i>Fac-simile</i> do N.º 4	25

CENTRO
DE ESTUDOS
JUDICIÁRIOS

Lemon tri

FOLHETO MENSAL DE DECLARAÇÕES POUCO SÉRIAS

Fac-simile da edição:

N.º 1

- 1985 -



CENTRO
DE ESTUDOS
JUDICIÁRIOS

Lemon tri

FOLHETO MENSAL DE DECLARAÇÕES POUCO SÉRIAS

EDITORIAL

DAS CONFÉRENCIAS LA CONFÉRENCE

Fevereiro principiou bem.

Já anunciado pelo crepúsculo de Janeiro, o Carnaval arribou em força.

Na noite seguinte ao plenilúneo, após um dia generoso em tempos de ócio, permitidos pela coexistência, para muitos, de apenas uma sessão suplementar pela manhã, uma outra, ordinária, de tarde e um seminário retemperador ao descender das trevas, aconchegaram-se os corpos viçosos nas cadeiras pretas da sala de conferências.

dos Auditores e, uma vez mais, o conjunto dos Docentes concernente (é, hoje, confortavelmente rejeitada a dicotomia, Corpo-Espírito, pelo que não é curial considerer a ausência de um, quando o outro está presente).

Distintíssimos convidados engrandeceram a conferência: um insigne ancião semita de origem alemânica e um refinado membro do "Pipe Club" parisiense.

Ao ilustre Alemânico coube o exórdio da fantástica sessão.

Cedo se revelou superflua a dinâmica e experimentada tradutora que o la deava pela direita.

Na verdade, subia à evidência que os auditores (no sentido mais rigoroso desta expressão) seguiam sem esforço, o discurso

ao Código da Estrada, em número abundante e modalidades diversificadas.

Também em terras de Mitterrand - afirmou-o categórico o autóctene - proliferaram os veículos automóveis, conduzidos por figurantes que o fazem tão mal como quaisquer comparsas do resto da Europa; exceções feitas à Albânia e Suíça, por razões conhecidas, que apenas validam a regra.

Por fim, todos saíram sorridentes, mais confiantes, mais cientes de que a comparação dos direitos, continua a poder propiciar boas moisas como esta e que pela sugestiva amostra temos a esperar da almejada revisão do Código da Estrada.



Autêntica e flamejante "Clé D'Or" para tão memorável dia, caiu-nos em cima, enviada pelas alturas, a inaudita palestra, dedicada à profunda e exaustiva apreciação dos novos problemas e tarefas da Polícia de Viação e Trânsito.

A assistência, voluntariosa e espontânea, compareceu em elevado número. Entre ela, a quase totalidade

vergônteo e pincelado da douta figura, que em nada foi afectado pelo ínfimo senão.

Do "speech" do Norman do apurou-se, entre uma enormidade de outras distintas conclusões, a notícia, plúrimas vezes resguardada, de que não cabe aos impunemente injuriados automobilistas portugueses, o exclusivo das infracções

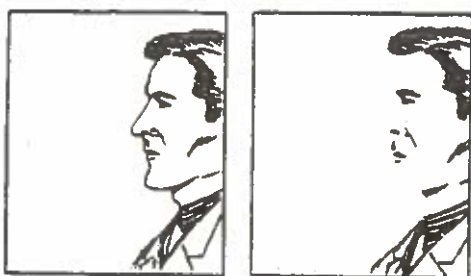
POESIA

Ai, ai
truz, truz,
catrapuz,

nunca a biblioteca
tão vazia
acorreram corações
tão cheios

A propósito de biblioteca e centro de documentação, o Sr. Adelino Lôpo, muito gentilmente, faculta a todos os seus clientes, a consulta de saborosas REVISTAS recreativas.

PERFIL



QUE CE JE ?

"...nesta, como noutras coisas, fomos a França ver como é que era para depois fazer aqui."

Álvaro Laborinho
em 25/1/85, à tardinha.

Em muitos museus da Europa, foram propositadamente retirados os cinzeiros e as proibições, "No Smoking", para que os visitantes possam ajudar à conservação das alcatifas, com a cinza dos seus cigarros.

Adelino Robalo in "Declarações Não Sérias"
(Adaptação)

SEMINÁRIOS

É aguardado com expectativa o fim do Carnaval, para se confirmar se a informação de que serão realizados exames no final dos seminários, é apenas uma piada de tom saudável e bem disposto.

"Lemon Tri", aposta que sim. Aguarda-se a réplica dos mais ingénuos ou distraídos.

Foi finalmente desmentida pelos responsáveis do Centro, a notícia de que apenas defuntos se inscreveram no seminário de Medicina Legal.

AMOR

No refeitório do Linhó o placard dos presos ostentava um recorte de jornal, onde se podia ler a notícia da morte de um Juiz de Direito.

Por baixo, rezava assim:
- "Que os bichos o comam; mas recomendamos-lhes Alka-Seltzer, pois deve ser muito indigesto."

Auditor confuso procura colega do sexo masculino, pouco convicto, para abordar conjuntamente a problemática da transsexualidade.

Trata o próprio.



Sempre que puder
coma sopas MAGGI!

TEATRO

SIMAS E O DIRECTOR

Dr. PEPE é o director da tradicional cadeia de ZUCHTAUSEN, nos arredores de Amsterdam.

SIMAS é o preso mais amado.

Entre as centenárias árvores sombreadas, envolvidos pelo ar enevoado que fielmente guarda a prisão, os dois homens, ligados pela ausência de reservas, conversam embalados numa surdina cadenciada.

SIMAS: O sr. director é alto, gordo e careca.

DIRECTOR: Pois sou!

SIMAS: O sr. director come muitos livros.

DIRECTOR: Pois como!

SIMAS: O sr. director é um hipópotamo!

DIRECTOR: Pois sou!

SIMAS: O sr. director tem muitas penas!

DIRECTOR: Pois tenho!

SIMAS: O sr. director é um peru!

DIRECTOR: Pois sou!!

(Cont. no próx. número)

Lemon tri

FOLHETO MENSAL DE DECLARAÇÕES POUCO SÉRIAS

Fac-simile da edição:

N.º 2

- 1985 -



CENTRO
DE ESTUDOS
JUDICIÁRIOS

Lemon tri

FOLHETO MENSAL DE DECLARAÇÕES POUCO SÉRIAS

ENTREVISTA COM ÀLVARO LÚCIO

LEMON TRI - O que o levou a participar no festival das cantigas?

Alvaro Lúcio - O que me levou a participar no festival das cantigas foram cantigas. Como o festival da canção é a canção do costume eu quis saber o que era aquilo por dentro. Por outro lado, há muito tempo que me considero um verdadeiro artista e o verdadeiro artista é o que participa, é o que dá a cara. Eu só dei metade da cara evidentemente - O Alvaro Lúcio, que é o nome artístico - mas de qualquer forma achei-o divertidíssimo e foi essencialmente isso que me levou a participar.

L.T. - Não será isso uma cantiga para nos convencer?

A.L. - Claro, mas eu comecei por dizer que sim. Tudo o que está por detrás disto é a cantiga.

L.T. - E agora, neste momento, cantamos com que música?

A.L. - Ah! A música é vossa, como sabem eu só sou especialista em letras.

L.T. - Como é que conjugou a participação no festival, com uma perspectiva cultural?

A.L. - Não enquadro numa perspectiva cultural; creio que as pessoas são um misto de muita coisa não devendo fazer de nada um valor absoluto. Há um lado lúdico da vida que não é um lado exigente: é divertido, é bem disposto, não houve nenhuma preocupação cultural nisto. Era uma curiosidade e foi enquanto curiosidade que a vi.

L.T. - Não é isso diletantismo?

A.L. - Talvez seja... provavelmente é mesmo diletantismo!

L.T. - Então, se não pudesse optar por outras, qual destas palavras preferia para

adjectivar a sua ida ao festival: snob, piroso ou diletante?

A.L. - Diletante!!

L.T. - Era o que preferia? - Tá certo! (risos)

Diga-nos uma coisa: os bastidores do Festival têm algo a ver com a magistratura? (mais risos)

A.L. - Bla, bla... eu entendo que não sou um magistrado que é uma pessoa, entendo que sou uma pessoa que é um magistrado, funcionei aqui como pessoa... bla, bla, bla.

L.T. - Mas há?

A.L. - Não faço ideia se existe se não existe... bla, bla, bla, bla (risos)

L.T. - O que pensa o Laborinho Lúcio do Alvaro Lúcio?

A.L. - (falando como interposta pessoa) - Acho que são duas partes do mesmo todo...

L.T. - Ah, pois...

A.L. - ...embora vos possa dizer que enquanto o Alvaro Lúcio se assume como diletante, a existência de Alvaro Laborinho diletante talvez seja um "snobismo".

L.T. - O que lhe deu mais gozo no Festival?

A.L. - Talvez o conhecimento interior do próprio Festival, além de outros aspectos. Por exemplo, eu neste momento tenho a consciência de que o Festival dificilmente será alguma vez uma coisa boa, que todo ele está constituído para não ser; faz parte das regras do jogo, não há um grau de exigência quanto à qualidade.

L.T. - E não sabia já isso? - Nós já sabíamos...

A.L. - Sabia por fora, não por dentro. Sabia que o festival normalmente não tinha qualidade, não sabia é que não há, realmente, grande preocupação

em que a tenha. Foi a sensação com que fiquei. Quanto ao que achei mais divertido, suponho, nesta altura, que para mim o mais divertido foi a votação, porque...

L.T. - Esteve na sala?

A.L. - Não, não estava, fiquei em casa.

L.T. - Teve medo?

A.L. - Não, não tive medo. Aconteceram duas coisas. Primeiro, pareceu-me que estando no Coliseu não poderia ter uma análise crítica sobre a decisão do júri: o que este vê através da T.V. é completamente diferente do que se viu no Coliseu que tem muito más condições sonoras e visuais, por outro lado, houve, um pouco, a ideia de preservar a tal imagem do Alvaro Lúcio. Ficando no Coliseu arriscava-me, a breve trecho, a ser um magistrado que tinha concorrido ao Festival da canção, o que, como já vos disse, eu não pretendia. Portanto, assisti à votação em casa e cheguei a estar nervoso porque, a certa altura, a nona canção tinha possibilidade de ficar em 5º ou 6º lugar o que me fez sentir, pela primeira vez, que estava dentro da competição. Só deixei de estar nervoso quando verifiquei que - levávamos então dois pontos de avanço - o intérprete da canção que acabou por ficar em 5º lugar era da Madeira e faltava votar o Funchal. O Funchal votou, deu-lhe 10 pontos e nós ficámos na sexta posição (risos gerais).

L.T. - A Editora fez várias imposições. Se lhe tivessem imposto o Marco Paulo, ou o Serafim Saudade, para cantar, aceitava?

A.L. - Não!

L.T. - Porquê?

A.L. - Não, porque o Marco Paulo criou um estatuto na vida da canção ligeira portuguesa que, pessoalmente, considero piroso - embora seja comercialmente um êxito - e como este poema, ou texto, podia andar perto disso que se considera piroso, eu queria retirá-lo as componentes anteriores...

L.T. - Onde é que a Alexandra se distingue do Marco Paulo?

L.T. - Pela Editora?

A.L. - Sim, pela Editora, que me comunicou que isso tinha de ser feito dizendo que assim é que devia ser, que assim é que teria de ser e aí funcionou, obviamente, a minha inexperiência.

Acabei por aceitar porque eles diziam que assim é que estava bem.

L.T. - Não havia nisso tudo

parte final do texto, se bem me lembro, era assim: "O teu cabelo ao ar/ o rio a murmurar/longe a cidade".

Bom, é tudo isto que é retirado, podendo ter ficado no ar a ideia de uma certa pirosidade, enfim, de um lamento um pouco inconsequente; mas no fundo não era isso. Estas entregas breves e estas impossibilidades suponho que são muito frequentes



Cantar Saudade

(Álvaro Lúcio-Maria Odete de Oliveira)

Saudade minha
Saudade filha
Do nosso amor solidão

Saudade minha
Dorme saudade
No canto dor deva canção

Do meu sorriso flor
Ao teu desejo amor
Quanta saudade
Do meu silêncio leve
A tua entrega breve
Tanta verdade

Do beijo nunca dado
Ao novo adeus chorado
Quanta amargura
Do meu olhar parado
À tua mão cerrada
Tanta ternura

Dorme assim.
Toda em mim
Deixa lá
Escuta agora.
Quem te chora
No meu peito.
Do meu peito.

Dorme mesmo amor
Assim
Dorme saudade dor
Em mim

A.L. - Eu penso que a Alexandra se distingue do Marco Paulo, primeiro, porque creio que a Alexandra tem uma sensibilidade, apesar de tudo, diferente da do Marco Paulo... por outro lado tenho para mim que o Marco Paulo canta o que quer e a Alexandra não canta o que quer.

A Alexandra pareceu-me sobretudo durante os ensaios - uma pessoa diferente. Não será propriamente uma intérprete no sentido mais moderno do termo, mas tem muito boa voz e sensibilidade. Creio que há uma diferença sensível entre ela e o Marco Paulo.

L.T. - Na história da Cantiga surge primeiro a música?

A.L. - Sim.

L.T. - Depois a letra é sobreposta. Foi depois alterada segundo sabemos...

A.L. - Sim, foi alterada. Não foi alterada... foi cortada e foram trocados outros versos depois.

um querer ir, a toda a força, ao Festival?

A.L. - Não. Não porque não havia o... acho que ficou mininamente aceitável apesar de tudo. Não havia de modo algum o querer ir à força, porque havia outras coisas que eu não aceitaria; há situações - não vou dizer quais porque não surgiram - que eu não ultrapassaria.

L.T. - Uma última pergunta: há uma história de entrega breve, verdadeira, por detrás da cantiga?

A.L. - Há várias histórias de entregas breves verdadeiras por detrás da cantiga, mas se me estás a perguntar se é autobiográfica, não é.

O texto, ou poema, fala de um diálogo entre uma das partes e a sua saudade por um amor que não foi completamente conseguido, por causa de um conjunto de regras, de convenções, que são identificadas no texto inicial com a cidade. Daí que a parte final do poema acabasse simultaneamente com uma imagem de despedida e uma imagem de acusação à cidade. Essa

e portanto há muitas histórias atrás disso... (risosinhos)

L.T. - Vai voltar, vai voltar a tentar?

A.L. - Não faço a mais pequena ideia. Em princípio não. Não fiquei mininamente entusiasmado e agora já não tinha pretexto para ir ao Festival; fiquei a conhecer, sei como é. No entanto, como sou um bocado imprevisível relativamente a mim próprio, não vou dizer que sim, nem que não. Em princípio não...

L.T. - Já que é imprevisível, também era capaz de participar num dos chamados Festivais de Contra-Cultura, paralelos ao Festival da Eurovisão, que se realizam na Europa no mesmo dia e hora?

A.L. - Acho que sim. Suponho que, pelo menos, seria tão arriscado participar num desses como num destes! (risos finais).



EDITORIAL

"LEMON TRI" reservou o EDITORIAL deste mês à publicação duma irascível epístola chegada até nós de forma algo enviesada e romanesca.

Sem encetar a narrativa do fantástico sucesso - matéria irrecusável em qualquer história de KAFKA - não queremos deixar de vos dar a conhecer o conteúdo do pequeno bilhete que, junto da folha de papel-carta laboriosamente escrita e dobrada, se encontrava no envelope roxo endereçado ao "LEMON-TRI".

O bilhete sentenciava assim, "se a inconsciência vos permitir mais algum número, agradeço que se tiverem hombridade para tal, publiquem esta CARTA ABERTA AOS RESPONSÁVEIS, DOCENTES E AUDITORES DO CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS".

Aqui reproduzimos a dita "carta", sem quaisquer alterações ou comentários da nossa parte.

"CARTA ABERTA"

Suscitou-me viva repulsa - e estou seguro que também a todos os que consideram o decóro um valor a preservar - a publicação de um folheto dito "mensal e de declarações pouco sérias". Espero, sinceramente que o acidente de ser publicado uma vez, não se repita e que os avisados, responsáveis deste respeitável Centro a tal se oponham vigorosamente.

Para além da deplorável qualidade gráfica e literária (não falando dos inqualificáveis desenhos) do panfleto não posso deixar de protestar contra, os inconfessáveis intuitos daqueles que o fazendo (e deixando fazer) ofenderam o crédito e bom nome dos que lá são directa ou indirectamente vizados.

As torpes insinuações e, as buçais piadas incertas num folheto rabiscado por pessoas apodadas de futuros Magistrados não pode deixar de provocar profunda indignação naqueles que, pugnam pela seriedade e equilíbrio de tão nobre quanto difícil missão e que muito honrosamente esperam, vir a desempenhar.

É altamente deplorável que se deia papel (tão caro nos dias que correm) para meia dúzia de pessoas escrevirem um pasquim onde não se propõe nada de útil ou construtivo.

Ainda se tivessem piada podíamos-nos rir mas desgraçadamente nem isso.

Espero sinceramente que a RAZÃO e o bom gosto prevaleçam numa casa que deve ser - e é - um dos seus mais reconhecidos

santuários de dignidade e abnegação.

(Assinatura ilegível)

N.R. (Não Resistimos): A ortografia e pontuação são indefensáveis.

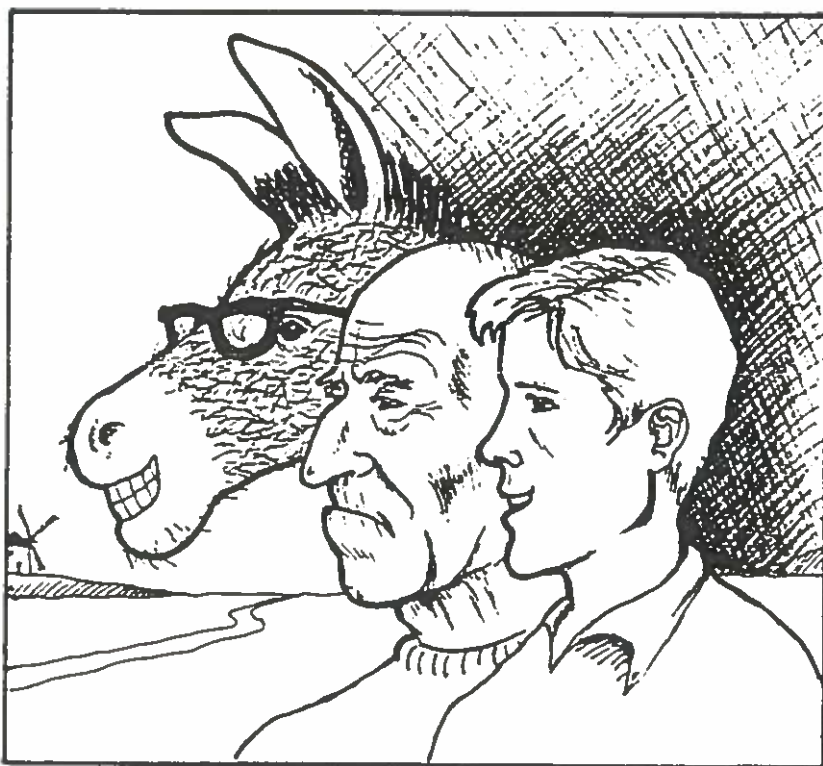
HISTÓRIAS ANTIGAS

O VELHO O BURRO E A CRIANÇA

Era uma vez um velho, um burro e uma criança que viviam num país muito pequenino perdido no rasto do mundo.

Um belo dia precisaram de se deslocar do lugar onde viviam, até à aldeia mais próxima.

Avançaram durante algum tempo, até se cruzarem com um grupo de transeuntes que vinham em sentido contrário. Olharam, hostis, para trás e exclamaram em voz alta:



O velho, de ar manso e sábio, montava o burro bem cuidado e arreado, enquanto a seu lado a criança saltitava ao ritmo pachorrrento do asno.

Ao passar junto de um pequeno grupo de convivas, ouviram este comentário:

- Vejam bem o velho! A pobre criança apeada e ele bem instalado na garupa do jericó!!

O velho saltou do animal, montou nele a criança e assim continuaram o trajecto.

Mais adiante passaram por novo ajuntamento que vozeou entre si, nestes termos:

- O rapaz com tão boas pernas vai repimpado no jericó e o velho, já cansado, é que se arrasta a pé.

O velho parou o burro, trepou para o seu dorso juntando-se à criança e prosseguiram viagem.

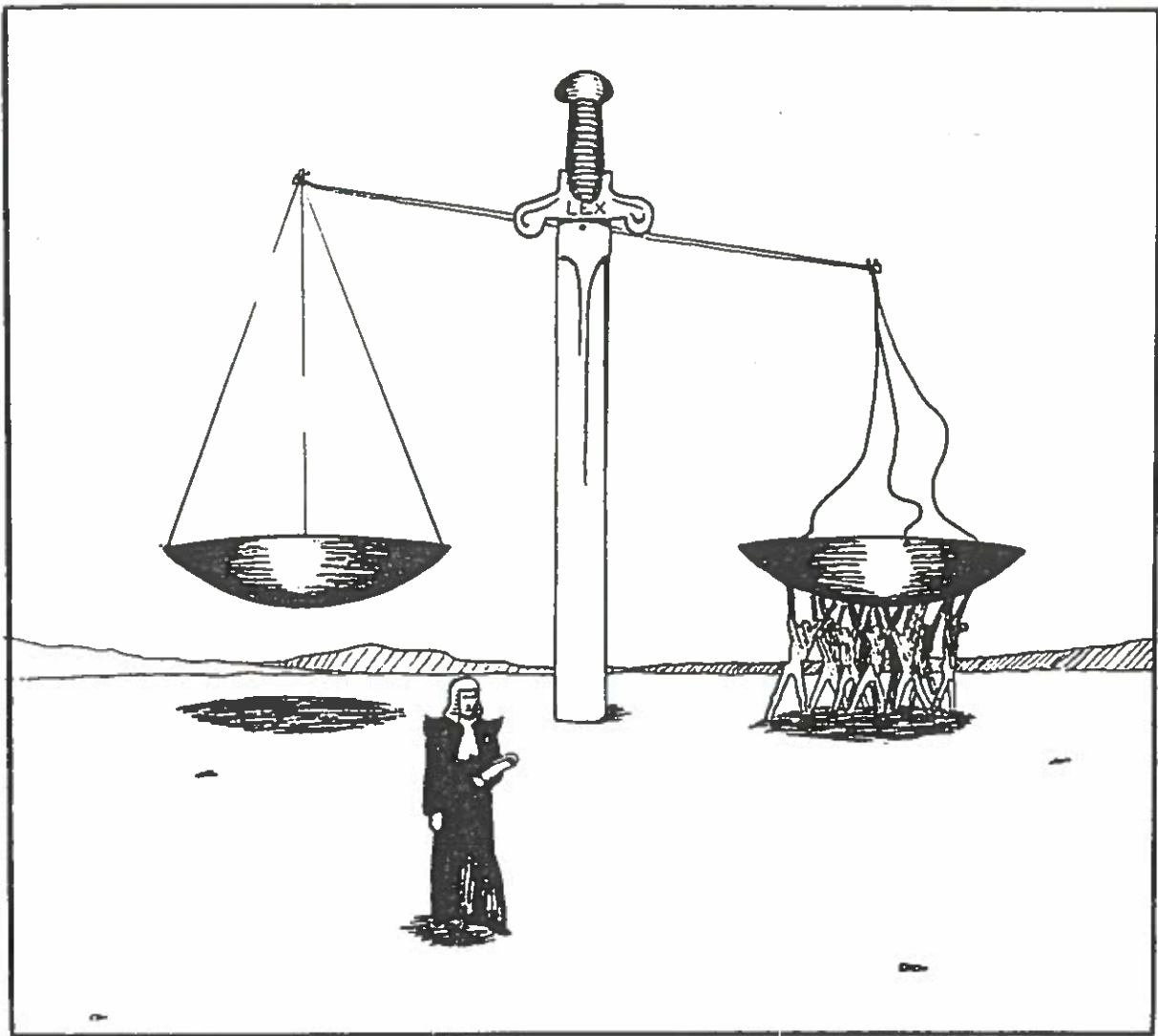
- Pobre animal que tem de carregar os dois ao mesmo tempo. Só gente sem coração pode permitir tal coisa!

Já agastado, o velho desmontou-se, apeou a criança e lá continuaram os três, lado a lado, até chegarem à aldeia.

Logo à entrada, um pequeno aglomerado de criaturas ociosas seguiu-os com os olhos e sentenciou num tom zombeteiro:

- Ainda há gente muito estúpida!! O burro folgadinho e eles derreados atrás do janota!

Muitos anos depois, mau grado as diversas investigações levadas a cabo por equipas de sociólogos, etnólogos, psicólogos e antropólogos, ainda não se sabe ao certo como é que os três regressaram a casa. Das diversas criaturas dispersas pelo caminho sabe-se apenas que nenhuma delas tinha burro.



POESIA

DESILUSÃO

R'piu, piu piu piu piu
 R'piu, piu piu
 R'piu, piu
 Piu
 Piu
 Piu
 ...
 Piô

TEATRO

SIMAS E O DIRECTOR

SIMAS e o Director continuam
 o seu passeio

SIMAS: Já viste como és feio,
 Pepe?

Director: Pois sou, SIMAS. Não
 imaginas como me assalta
 a nostalgia das coisas
 belas.

SIMAS: Olha só como falas! Não
 passas de um homenzinho
 antiquado, Pepe.

Director: Serí que o sou, SIMAS?

SIMAS: É verdade que o és, Pepe.
 Quase tão velho como
 o teu mau nálico.

Director (cerrando, apressado,
 a boca): Mas a peruca nova dá-me
 umar mais engraçado e
 jovial. Isso não podes
 tu negar, SIMAS.

SIMAS: Sabes o que devias fazer
 com a peruca, SIMAS?
 ...é isso que deves fazer,
 pobre diabo.

Director (o lábio inferior bastan-
 te distendido, relativamente ao de
 cima): És mesmo mau, SIMAS! - Tens
 um coração duro e cruel.

SIMAS: Sabes o que dizia Nietzche,
 Pepe?

Director: Era holandês, esse
 senhor?

SIMAS: Não, não era, Pepe. Ele
 dizia que todas as verdades
 caladas se tornam veneno-
 sas.

Director (contemporizador):
 Está bem, pronto. Dá-
 me um beijo, SIMAS.

SIMAS (contudente): Não dou!!

Ao fundo da alameda distin-
 gue-se um vulto que corre agitando
 os braços. É OPUS, o chefe da
 guarda, mais antigo na prisão
 que Pepe e o próprio SIMAS.
 Chega afoqueado, as bochechas
 moles a tremelicar por cima
 da gravata regulamentar e diri-
 ge-se a Pepe, o director.

(cont. no próx. número)

Lemon tri

FOLHETO MENSAL DE DECLARAÇÕES POUCO SÉRIAS

Fac-simile da edição:

N.º 3

- 1985 -



CENTRO
DE ESTUDOS
JUDICIÁRIOS

Lemon tri

FOLHETO MENSAL DE DECLARAÇÕES POUCO SÉRIAS

A PRIMAVERA CHEGOU . . .

EDITORIAL

A PRIMAVERA E A HUMANIDADE

Já poucos se recordarão da pequena notícia saída nos jornais do mês de Abril, que anunciava o "DIA ANUAL DO FAZ-DE-CONTA", levada a cabo pelas "CINCO ASSOCIAÇÕES REGIONAIS DAS PUBLICAÇÕES SÉRIE-B".

No "DIA ANUAL DO FAZ-DE-CONTA" cada uma das cinco publicações deve preparar e ler uma breve comunicação versando sobre um da CINCO GRANDES TEMAS previamente enunciados. Todas as publicações preparam todos os temas, embora venham a apresentar apenas um deles, que lhes será atribuído por meio de um insuspeito sorteio realizado no próprio dia. Este ano, os CINCO GRANDES TEMAS eram os seguintes:

e quis o acaso que lhe coubesse em sorte o primeiro dos GRANDES TEMAS: "A PRIMAVERA E A HUMANIDADE".

Para cabal esclarecimento do leitor aqui se deixam mais algumas indicações sobre o modo de funcionamento da sessão.

Em primeiro lugar constitui-se uma "mesa", onde alguém faz-de-conta que é o presidente dum coisa qualquer, duas outras pessoas fazem-de-conta que são outra coisa qualquer importante e os outros cinco fazem-de-conta que são oradores.

Frente à mesa coloca-se a assistência que faz-de-conta que é muito heterogénea, tendo alguns a função de fazer de conta que são parvos quando, durante o debate, interpelam os diversos oradores.

Como bem se vê, trata-se de um mecanismo simples e eficaz.

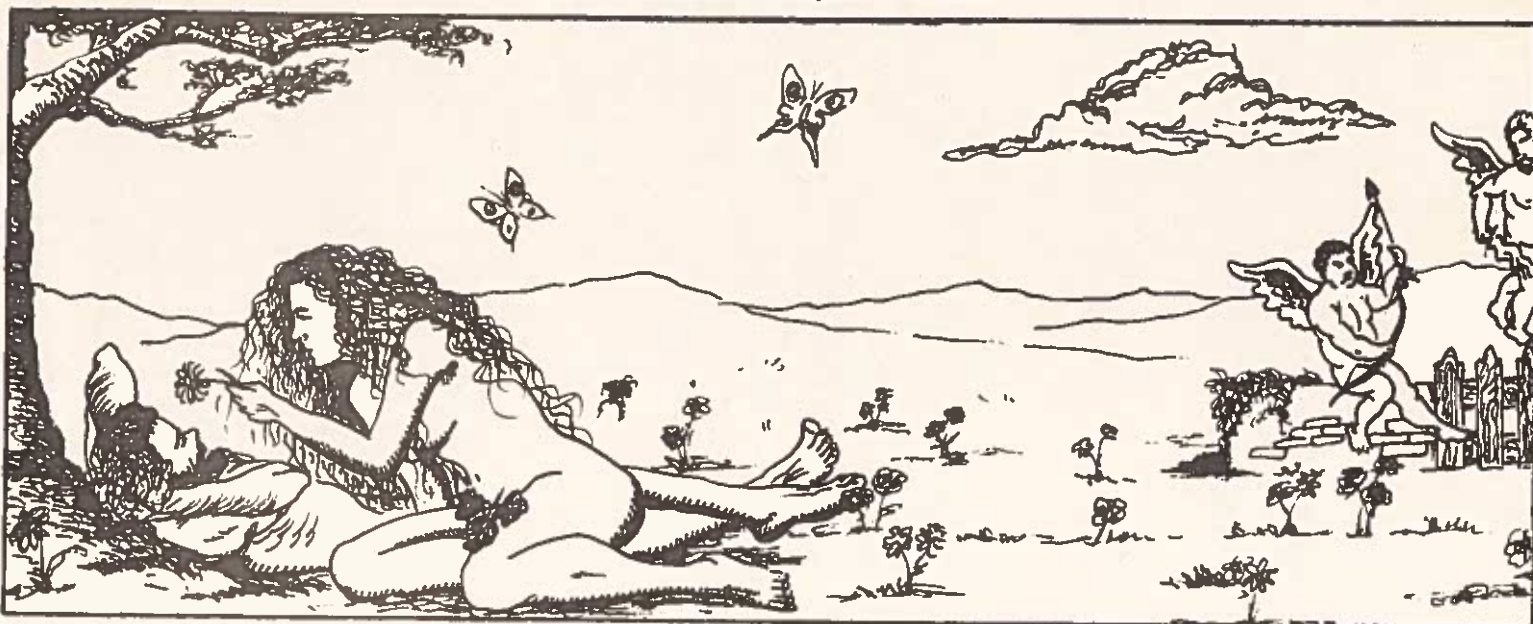
sos, compreensivamente.

Diga-se ainda, para terminar esta breve nota, que

a preparação da sessão conheceu, este ano, alguns episódios algo bizarros, chegando a alvitrar-se o adiamento do grande dia. Na verdade, alguns dos participantes barafustavam por não ter as vestimentas acabadas, outros por estarem atacados de rouquidão, outros ainda por não encontrarem bibliografia adequada, sentindo-se esmagados pela GRANDIOSIDADE DOS TEMAS.

Acalmado o zururu, todos se prestaram a cumprir o seu papel.

Bom, chegou a altura de passarmos à comunicação apresentada pelo LEMON-TRI e que, recordamo-lo, se intitula: "A PRIMAVERA E A HUMANIDADE".



- "A PRIMAVERA E A HUMANIDADE", "O VERÃO E A HUMANIDADE", "O OUTONO E A HUMANIDADE", "O INVERNO E A HUMANIDADE" e, por último, "AS QUATRO ESTAÇÕES E A HUMANIDADE". "LEMON-TRI" participou pela primeira vez no certame

Embora ninguém saiba, com certeza, de quem foi a ideia, todos a afirmam que foi "d'ELE".

"É claro que só podia sair daquela cabeça" - murmuravam entre si com bom humor e certa afeição, enquanto trocavam sorrisos,

A PRIMAVERA E A HUMANIDADE

Exmº Senhor Presidente
Exmºs Senhores

Tudo começou com ADÃO E

EVA. Embora não encontremos nos Génesis alusão explícita às Estações do Ano, tudo aponta para ter sido durante a Primavera que ocorreu a inesquecível cena da expulsão.

Nos primeiros tempos, aquando da criação do mundo e da plantação do jardim, não se poderá falar, ainda, numa sucessão cíclica das Estações do Ano. Digamos, sem blasfémia, que, embora em embrião como todas as coisas não reveladas, tal pensamento ainda não se havia manifestado no CRIADOR. As suas preocupações eram de outra ordem, nessa altura: a criação dos Céus e da terra, a mais adequada localização do jardim, que acabou por situar a leste do paraíso, a criação do homem e, mais tarde, da mulher, a ocupação destes durante o "Tempo Livre". A verdade é que não sismou de imediato na ordenação do tempo anual. Digamos que, quanto ao tempo, tudo se desenrolava na sua cabeça em obediência ao doce arbítrio e anarquia.

Aquele pensamento ter-lhe-á ocorrido pela primeira vez na altura da expulsão.

Não devemos atribuir especial significado ao facto da maçã se encontrar na árvore, o que nos poderia induzir a pensar estar-se, então, na Estação dos frutos. Não nos esqueçamos, que tudo isso se passa num único e longo dia bíblico.

É a partir da expulsão que o tempo se "HUMANIZA", é a partir de então que se sentirá na terra o suceder das Estações. Os Génesis não nos deixam lugar a dúvidas. Pode ver-se a dado passo: "Com isso Deus o pôs (a ADÃO) para fora do Jardim do Eden para lavrar o solo de que tinha sido tomado" - Génesis - 3:23.

Ora, ninguém ignora qual o tempo da lavoura, em que se prepara a terra para acolher as sementes. Não é no Inverno quando os campos estão alagados ou no Verão do calor abrasador quando se colhem os frutos e se fazem as Colheitas. É na Primavera, evidentemente. É a Primavera que acolhe os primeiros passos do Homem condenado à sua humana condição, que assinala a transformação e o pacto entre o Homem e a Terra.

Uma outra passagem do Génesis, mais adiante, apenas confirma esta hipótese. "ADÃO teve então relações com EVA sua esposa e ela ficou grávida" - Génesis 4.

Dirão os de melhor espírito e humor que esta notícia das primeiras relações entre ADÃO e EVA nada nos dirão sobre a Estação do Ano em que tiveram lugar. Dirão esses, com alguma razão, que todas as épocas são boas para tão singular tarefa, ou que esse amplexo sem demora se ficou a dever à sempre bem

acolhida ausência de vigilância paterna.

Pensando bem, esquecem, porém, toda a carga simbólica do texto bíblico. Essas primeiras, entre ADÃO e EVA, marcam o reconhecimento e consumação do desejo do homem pela mulher, e vice-versa.

Terá sido, historicamente, a primeira vez que ADÃO desejou o intestino rebento da sua própria costela e que EVA terá auscultado a nostalgia das suas origens: uniram-se, pois. E uniram-se na altura do ano em que o desejo irrompe farejante, em que se entrelaçam os ninhos, se acasalam todas as espécies, se suspendem



UM DOS PARTICIPANTES DURANTE O INTERVALO DA SESSÃO

TEATRO

SIMAS E O DIRECTOR

OPUS, o chefe da guarda, chega afoqueado junto de PEPE, o director.

OPUS - PEPE, PEPE, escuta a grande novidade: A PRIMAVERA CHEGOU!!

Director - Falas verdade, OPUS? - Já chegou a PRIMAVERA?

OPUS - Mas é claro, PEPE! Ergue os olhos, olha à tua volta, escuta os passarinhos, o brotar das flores, o zumbido das abelhas, o esvoaçar das borboletas...

Director - Ai borboletas, OPUS!. Que belas e macias são as borboletas. NÃO achas SIMAS?

SIMAS - (resposta lacónica) BROOOURRR...

Director - És um estúpido insensível, SIMAS. Não vale a pena falar contigo.

OPUS - Sabes, PEPE, chego a ter raiva por este energúmeno estar a cumprir prisão perpétua! - Que bom seria vê-lo sair um dia para regressar tempos depois. Oferecia alguns anos de vida para presenciar tal

os casamentos ou os trajectos solitários e se escutam os mais inspirados madrigais.

Só a Primavera podia servir de berço a tão enternecedor começo, unindo-se, assim, da forma mais indelével, aos primeiros "passos" da Humanidade.

Poderíamos, meus senhores, minhas senhoras, continuar a história desta relação de primeira hora entre a Primavera e a Humanidade, e que tão bons momentos veio ainda a conhecer, mas não o permite o tempo e o engenho. Por aqui nos ficamos.

Bem hajam todos por nos haver escutado.

espectáculo.

SIMAS - Cala-te, caruncho tiquoso, não vá o Diabo ouvir-te como a PADSTO.

Director - Desde pequeno que és assim, SIMAS. Porque não volves o coração às coisas belas da natureza, ao Sol da Primavera, ao capricho das flores...

SIMAS - É realmente doce e sensível o vosso coração, hipócritas imbecis. Como queres que acredite em vós se falam do Sol, das borboletas e abelhas quando ainda não parou de chover e nem o rasto aos airosos insectos se logra vislumbrar? Ou devo antes ter em conta os inocentes desejos do teu fiel chefe da guarda quanto ao meu incontroverso destino?

Director - Não te zangues com o OPUS, ele não pensa o que disse!

SIMAS - Pois não, amigo senil! Eu sei que ele não pensa...

OPUS emite um pequeno grunhido, arranca um tufo de erva e arremessa-o ao chão enquanto, desesperado, bate repetidamente com o pé direito. PEPE segura-o pelos ombros e tenta acalmá-lo. SIMAS dá calmamente alguns passos em círculo e puxa por um cigarto preparando-se para falar.

(continua no próximo número)

ENIGMAS DA PRIMAVERA

Diz-se que os restos mortais de D. Fernando ameaçam invadir o Limoeiro. Será verdade?

Que fino instrumento cortará as fatias de fiambre e queijo das-sandes-do-bar?

DOCTOR JUIZ

Precisa-se solteiro de 39-45 anos, alto, assunto sério. Responder só quem reunir estas condições.

Resp. Rossio, 11, ao n.º 2143

Lemon tri

FOLHETO MENSAL DE DECLARAÇÕES POUCO SÉRIAS

Fac-simile da edição:

N.º 4

- 1985 -



C E N T R O
DE ESTUDOS
JUDICIÁRIOS

Lemon tri

FOLHETO MENSAL DE DECLARAÇÕES POUCO SÉRIAS

EDITORIAL

DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINEAS

Depois de escutar as mais diversas fontes de opinião sobre as actividades do CEJ neste ano lectivo, havia que ouvir os meninos e entre estes os mais atingidos

por elas: os filhinhos dos auditores.

Pensou-se no tradicional sistema das redacções, lançou-se o respectivo Concurso e a participação das crianças não tardou.

Perante a impossibilidade de publicar todas as redacções premiadas, LEMON TRI reservou o editorial do seu último número deste ano às duas composições classificadas em primeiro e segundo lugares. Vamos pois, parafraseando o poeta, "encerrar esta fase do passado com o olhar no futuro".

"Redenção A minha escola"

quando viemos para a escola eramos muito pequenos viamos pelos nossos pais e os outros foram os papais que os viam cá por porque eles tinham medo de vir nos vizinhos e tinham medo de não dar com a escola porque a cidade é muito grande com muitas ruas que se cruzam umas com as outras e depois é fácil a gente perder-se porque somos ainda todos muito pequenos. depois os senhores reitores fizeram numa sala grande com columnas uma reunião com todos os meninos e fizeram com que a gente fizesse os nossos nomes numas folhas para eles saberem quem eramos e o que estavamos ali a fazer, e nas primeiras semanas foi bom porque iamos à escola mas não tínhamos ainda lições e assim andámos a visitar a escola toda e conhecemos todos as pessoas que estavamos ali para nos servirem e iamos brincar para o recreio. mais tarde é que as coisas começaram a ser mais difíceis porque tínhamos lições todos os dias e tinhamos que vir com a lição e as contas em dia para fazermos boa figura frente ao senhor professor que ficava muito contente quando a gente ia e dizia que arrim e que eramos bonitos e que assim é que aprendiamos para a nossa vida aiante e foi também assim que a gente arranja os nossos amigos uns com os outros porque nem todos somos iguais e não temos culpa de gostar mais deste ou menos daquela aqui é o coração que manda e ninguém pode ficar imundo por culpa disso. as vezes é que a gente andamos mais acalorados por culpa duma coisa chamada notas porque dá muitos nervos quando vamos ao gabinete do senhor reitor mas não há problemas. houve tempo que a gente gostou muito e agora a escola está quase a acabar só falta vir cá um senhor que manda muito dizer para nos portarmos bem e então se vamos tomar umas laranjadas todos juntos dizemos adeus e iremos na hora de ir embora.

Ficha Técnica:

CORPO PERMANENTE:

concepção, textos e desenhos: António João Latas e Jorge M. Bravo.

montagem e composição gráfica:
Luís Ribeiro.

COLABORAÇÃO: Artur M. Oliveira;
João Pedroso; Miranda Sapat-
teiro; Luís Dias; Jorge A.
Costa.

dactilografia: Maria Emília.

Agradece-se à Direcção do C.E.J. a disponibilidade que manifestou para a publicação do LEMON-TRI.

TESTE

VOCÊ TEM PERFIL PARA AUDITOR DE JUSTIÇA ?

14. Quando o Director de estudos lhe pergunta, na confissão, se tem observações, sugestões ou críticas a fazer, você responde:
- Dão-nos tão pouco trabalho, Sr. Doutor, que até é uma dor de alma.
 - Tudo funciona tão impecavelmente, Sr. Doutor, que o C.E.J. nem parece ser português.
 - Quando sairmos do C.E.J., Sr. Doutor, cantaremos saudades, tantas saudades.
 - Desde que entrei para o C.E.J. o único filme que vi foi o espectáculo de Luz e Som "Limoeiro".
15. Se lhe pedissem para criar um lema para o C.E.J. você escolhia:
- C.E.J. ou não C.E.J., eis a questão!
 - Julgar é viver.
Quem não quer ser magistrado
 - Do não lhe veste a beca.
 - O último a rir é quem ri melhor.
16. Qual a estratégia que utiliza nas sessões de trabalho ?:
- Informa-se junto dos outros grupos sobre os assuntos que vão ser discutidos e as perguntas que vão ser feitas.
 - Escreve tudo o que houve porque nunca viu escrito o que está a escutar.
 - Surpreende os seus colegas com alguns aresos que descobriu e que conservou no segredo dos deuses.
 - Joga às escondidas com as perguntas dos docentes.
17. Você acha que um Auditor de Justiça é:
- Um rato branco.
 - Um girino
 - Um mexilhão
 - Um rato de biblioteca.
18. Você acha que um Auditor de Justiça não deve:
- Imaginar um teste como este.
 - Perder tempo com Associações Culturais.
 - Meter o dedo no nariz.
 - Ler a folheta mensal "Lemon-Tri".
19. Você acha que a sua passagem à fase seguinte do curso para magistrado depende essencialmente de:
- Ter olheiras até às orelhas.
 - Pertencer à Direcção da Associação Cultural.
 - Ouvir bem.
 - Estar integrado no grupo de Teatro.
20. Se for dos felizes contemplados com a temível "sentença condenatória", você:
- Abraça a carreira da advocacia e jura vingança à magistratura.
 - Torna-se um delinquente perigoso e habitual.
 - Passa a ir festejar o Santo António de Lisboa ao Porto.
 - Vai para Ministro da Justiça.
21. Se for agraciado com a honra de passar à fase seguinte do campeonato, a primeira coisa que diz:
- "Veni, vidi e vici".
 - Vai-te embora, que lá conseguiste enganar mais uns.
 - Passemos então à fase das partes gargas.
 - "Vamos para a praia/ Vamos nadar/ Cortar as ondas/ Ao mergulhar" (Gabriel Cardoso).
22. Depois de deixar o C.E.J. ocupa os seus tempos livres:
- A ser você mesmo.
 - A lembrar o que nunca soube.
 - A saborear antecipadamente o poder que lhe advirá de ser magistrado.
 - A fazer Strip-Tease no Ritz-Club.
23. Você acha que a principal qualidade do Director do C.E.J. é:
- Deixar esquecido o perfil por tudo o que é canto.
 - Ser uma pessoa discreta, lacónica e pouco comunicativa.
 - A forma subtil como o avalia sem o avaliar nas sessões de Cláudia Judiciária do Direito.
 - Ser um tão bom actor.
24. Você acha que a principal qualidade dos Docentes do C.E.J. é:
- Serem sempre derrotados no Torneio-Relâmpago.
 - Descobrir sabedoria onde ela não existe.
 - Terem os relógios atrasados.
 - Conhecerem Jurisprudência que também afirma o que acaba de dizer.
25. Você acha que a principal qualidade dos funcionários do C.E.J. é:
- Serem velhos, marrecos e zanolhos.
 - Serem todos do sexo masculino.
 - Respeitadores das hierarquias.
 - Deixarem picar o ponto fora do período de tolerância.
26. Acha alguma graça a este teste?:
- Assim se gastam os dinheiros do Estado de uma forma tão estúpida.
 - Ri-me imenso com a questão número 27.
 - Um autêntico ultraje à moral pública.
 - Qual teste?



RESULTADOS DO TESTE:

O facto de você se ter dado ao trabalho de responder a este teste demonstra, claramente, que não tem perfil para Auditor de Justiça. Por isso, aconselhamo-lo a mudar de profissão, porque quanto menos concorrência houver mais fácil será a vida dos que ficam. Boa sorte no seu novo trabalho!

A Equipa decente



